

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas (ICH)
Departamento de História (HIS)

Lucas Rafael Ribeiro Camacho

Gabriela Mistral e o Prêmio Nobel de Literatura de 1945

Brasília
2026

Lucas Rafael Ribeiro Camacho

Gabriela Mistral e o Prêmio Nobel de Literatura de 1945

Artigo apresentado ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Noguezól, e avaliado no dia 12 de janeiro de 2026 em banca examinadora composta por:

Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Noguezól
Departamento de História, Universidade de Brasília
(Orientador)

Prof. Dr. Tiago Luís Gil
Departamento de História, Universidade de Brasília
(Examinador)

Prof. Dr. Mateus Gamba Torres
Departamento de História, Universidade de Brasília
(Examinador)

Este trabalho é dedicado aos meus pais, Marta Maria Ribeiro Camacho (*in memoriam*) e Edilson Camacho, que, com muito sacrifício, dedicação e incentivo tornaram possível a transformação deste sonho em realidade.

“Gracias en este día y en todos los días por la capacidad que me diste de recoger la belleza de la tierra, como un agua que se recoge con los labios, y también por la riqueza de dolor que puedo llevar en la hondura de mi corazón sin morir. Para creer que me oyes he bajado los párpados y arrojado de mí la mañana, pensando que a esta hora tú tienes la tarde sobre ti. Y para decirte lo demás, que se quiebra en las palabras, voy quedándome en silencio...”

Gabriela Mistral, “Recuerdo de la Madre Ausente”. In *Lecturas para Mujeres*, Cidade do México: Secretaria de Educación, Departamento Editorial, 1923

Gabriela Mistral e o Prêmio Nobel de Literatura de 1945

Resumo

Este artigo foi dividido em duas partes: a primeira apresenta um ensaio biográfico de Gabriela Mistral (1887-1957), revisando sua vida, obra, e o contexto literário na qual sua obra foi produzida; a premiação de Gabriela Mistral com o *Nobel de Literatura* em 1945, a justificativa da Academia Sueca e os discursos no *Nobelfesten*; e uma análise da repercussão da premiação em jornais e revistas brasileiras e latino-americanas. A segunda parte discute os critérios de escolha do comitê do *Nobel*, suas tendências e controvérsias; a proposição da candidatura de Gabriela Mistral à premiação, e os fatores que influenciaram o comitê na decisão pela sua premiação; e apresenta a iniciativa de Adelaida Velasco Galdós em propor sua candidatura ao *Nobel*, que se transformou em uma campanha internacional a partir da atuação do governo e da diplomacia chilena e de academias de letras de toda a América Latina.

palavras-chave: *gabriela mistral, adelaida velasco galdós, nobel de literatura, campanha internacional, literatura latino-americana*

Abstract

This article is divided into two parts: the first presents a biographical essay on Gabriela Mistral (1887-1957), reviewing her life, work, and the literary context in which her work was produced; the assignment of the *Nobel Prize in Literature* to Gabriela Mistral in 1945, the statement of the Swedish Academy and the speeches at the *Nobelfesten*; and an analysis on the repercussions of the award in Brazilian and Latin-American press. The second part discusses *Nobel committee's* selection criteria, its tendencies and controversies; the proposal of Gabriela Mistral's nomination for the award, and the factors that influenced the committee's decision rewarding her; and presents Adelaida Velasco Galdós' initiative in favor of the assignment of the *Nobel Prize in Literature* to Gabriela Mistral and its transformation into an international campaign through actions of the Chilean government and diplomacy, and academies of letters throughout Latin America.

keywords: *gabriela mistral, adelaida velasco galdós, nobel prize in literature, international campaign, latin-american literature*

Gabriela Mistral e o Prêmio Nobel de Literatura de 1945

Introdução

Hoje, passados oitenta anos desde a premiação de Gabriela Mistral com o *Nobel de Literatura* (1945), surpreende que seu pioneirismo – a primeira mulher de nosso continente, a quinta a receber o prestigiado prêmio literário e a décima no total das premiações até 1945 – tenha sido progressivamente apagado ao longo do tempo. Esta premiação foi o objetivo da iniciativa de outra mulher, a importante escritora equatoriana Adelaida Velasco Galdós, cuja dedicação à proposta de candidatura de Gabriela Mistral e o apoio recebido por Pedro Aguirre Cerda, presidente do Chile, cuja determinação colocou o governo chileno e seu Ministério de Relações Exteriores a serviço da iniciativa, transformando-se a iniciativa em uma campanha internacional. Adicionalmente, esta campanha envolveu a participação das academias de letras de toda a América Latina.

Este artigo tem como objetivos apresentar a trajetória intelectual e literária de Gabriela Mistral, articulando sua trajetória vida, obra literária e reconhecimento institucional; situando sua obra no contexto literário de sua produção e a sua premiação com o *Nobel de Literatura* em 1945 e sua repercussão na imprensa brasileira e latino-americana, e revisando o processo de candidatura que culminou com sua premiação, ressaltando pioneirismo de sua premiação e sua importância para a literatura latino-americana.

Este artigo foi dividido em duas seções: a primeira, intitulada “*Gabriela Mistral: vida, obra e o Prêmio Nobel de Literatura de 1945*”, consiste em fazer uma apresentação da trajetória de vida da autora, enfatizando suas atividades literárias e profissionais fora do Chile, as principais características de sua obra, uma discussão sobre o contexto literário chileno e latino-americano e as dificuldades por ela encontradas em sua atividade poética; e apresenta uma subseção dedicada ao anúncio da premiação com a justificativa da *Academia Sueca*, os discursos de Hjalmar Gullberg e Gabriela Mistral no *Nobelfesten* em 10 de dezembro de 1945, e a repercussão da premiação em jornais e revistas brasileiras e latino-americanas.

A segunda seção, intitulada “*A candidatura de Gabriela Mistral ao Nobel, c.1930-1945*”, tem por objetivo apresentar o processo de proposição da candidatura de Gabriela Mistral por meio de uma análise dos critérios de escolha do comitê do *Nobel*, das indicações à premiação, e por fim, apresentar a iniciativa da importante escritora equatoriana Adelaida Velasco Galdós, que com o apoio de Pedro Aguirre Cerda e do governo chileno, e associada à diplomatas, intelectuais e academias de letras por toda a América Latina, transformou-se em uma campanha internacional por sua premiação. Para tal, esta seção foi subdividida em duas partes, discutindo em maior detalhe as indicações ao comitê e a atuação de Adelaida Galdós e da diplomacia neste processo.

A realização desta pesquisa se deu, essencialmente, por meio da análise de conteúdo retirado de plataformas digitais. Boa parte da bibliografia secundária foi obtida por meio do site *Internet Archive*, biblioteca digital com cerca de 50 milhões de livros disponíveis para download, ou por empréstimo pelo sistema *Open Library*. A existência de iniciativas como esta tornou possível a elaboração da primeira seção, e a *Hemeroteca Digital* da Biblioteca Nacional possibilitou a análise da repercussão em jornais e revistas brasileiras. Por fim, a segunda seção só foi possível graças a disponibilização integral, pelo site da *Biblioteca Nacional Digital do Chile*, de quase 21 mil volumes do arquivo de Gabriela Mistral, de onde foram retirados os jornais latino-americanos e os ofícios diplomáticos analisados neste artigo.

1 *Gabriela Mistral: vida, obra e o Prêmio Nobel de Literatura de 1945*

Lucila de Maria del Perpetuo Socorro Godoy Alcagaya (1889-1957), filha de Jerónimo Godoy Vilanueva e Petronilla Alcagaya de Molina, nasceu em Vicuña (norte do Chile), em 7 de abril de 1889. Lucília, que se tornou conhecida no mundo literário por Gabriela Mistral, passou a infância em um ambiente rural, em constante contato com a natureza. Seu pai, professor escolar em La Unión, era um sujeito “estranho”: meio vagabundo, meio poeta, ex-seminarista, abandonou a família quando a pequena Lucília tinha três anos, visitando-as escassamente até

sua morte em 1915. O que marcou a infância de Lucila foi a predominância da figura feminina¹ após o abandono pelo pai: foi criada pela mãe e pela irmã, professoras, e ocasionalmente recebiam visitas de sua avó paterna. Sua mãe e sua irmã Emelina foram suas primeiras professoras, ensinando-a a ler, escrever e os primeiros conceitos em história e geografia (Vázquez, 1964, 2; e Concha, 1987, 18-19).

Os primeiros anos de Lucila na escola serão marcados por dificuldades, chegando ao extremo de ser acusada por uma professora de roubo e receber pedradas de seus colegas (Concha, 1987, 20). Não obstante as dificuldades, sua mãe e irmã continuaram com seus estudos, e após a mudança para *La Serena*, solicitaram sua admissão à Escola Normal da cidade. Ao mesmo tempo, Lucila passou a escrever para jornais locais, expondo seu ideário de inclinação socialista e sua admiração pelo escritor colombiano Vargas Vila. Seus textos, entretanto, não passaram despercebidos pelo capelão da escola, que rejeitou sua admissão por considerar seus escritos contrários o catolicismo (Vázquez, 1964, 3). Iniciou sua carreira como professora em 1904, em uma escola rural em *La Cantera*, e após obter seu certificado, ocupou posições em escolas de *La Serena*, *Antofagasta*, *Punta Arenas* e *Santiago*, onde fixou-se em 1912.

Em 1908, começou a assinar seus escritos como Gabriela Mistral e em 1914, após a vitória no concurso *Juegos Florales* com o poema *Sonetos de la Muerte*, passou a ser conhecida no meio literário chileno e no exterior. Em 1921, Federico de Onís, crítico literário e professor de literatura da Universidade Columbia (Nova Iorque) fez conferências apresentando os escritos de Gabriela para professores norte-americanos, e em 1922, por sua iniciativa, o *Instituto de las Españas* da Universidade Columbia publicou a primeira edição de *Desolación*, adotando definitivamente o pseudônimo de Gabriela Mistral (Vázquez, 1964, 5-6). Neste mesmo ano foi convidada pelo Secretário de Educação do México, José Rodríguez para colaborar

¹ Concha (1987, 18) observa que quando adulta, e em especial após a morte da mãe em 1929, “sua família será o círculo de amigas e secretárias, com as quais formará um lar exclusivamente feminino, onde o homem será apenas uma visita ou um ser decididamente mantido de fora”. (tradução própria)

em um programa de reforma educacional em seu país, sendo essa experiência decisiva para sua vida intelectual e moral, ampliando e consolidando sua visão sobre temas importantes de sua obra: americanismo, campesinato e indigenismo (Concha, 1987, 29 e Vázquez, 1964, 2-3).

Entre 1930 e 1931 fez viagens pela América e foi indicada pelo governo chileno como cônsul honorária em Roma, mas por seus escritos anti-fascistas, teve sua carta-patente (*exequátur*) negada por Mussolini (Vázquez, 1964, 6-7). Neste mesmo período, foi professora-visitante no *Middlebury College* e no *Barnard College*, e entre 1934 e 1935 foi cônsul honorária em Madri, e depois em Lisboa como cônsul vitalícia e em 1937 fez viagens pela Europa e pela América, sendo recebida com entusiasmo em suas conferências (Hughes, 1957, 11). Em dezembro de 1938, foi indicada como cônsul em Nice (França), mas com a crise europeia que culminaria na Segunda Guerra Mundial, pediu transferência para o Brasil, onde residiu por seis anos em Niterói e Petrópolis. Com o suicídio de seu sobrinho, deixou o Brasil ao final de 1945 rumo à Europa. Em 1946 foi cônsul honorária em Los Angeles, retornando a Nápoles em 1951 até se aposentar em 1954 nos Estados Unidos.

Gabriela Mistral faleceu nos Estados Unidos em 1957 em decorrência de um câncer no pâncreas, e sua obra poética concentra-se em quatro livros: *Desolación* (1922), *Ternura* (1924/1945), *Tala* (1938) e *Lagar* (1954), e é marcada por uma originalidade notável, considerando que a literatura latino-americana de sua época, por vezes, imitava em demasia os modelos e as modismos literários europeus. Gabriela Mistral também desenvolveu uma extensa atividade jornalística, tornando-se correspondente para jornais latino-americanos como o *El Mercurio* no Chile, *La Nación* e *Crítica* na Argentina e *El Universal* no México, e jornais e revistas em Cuba, Costa Rica e Venezuela, e também para jornais locais no período em que esteve no exterior, trabalhando com crítica literária e assuntos sociais e políticos. Em sua atividade jornalística, Gabriela Mistral colocou-se a serviço da verdade, da justiça e da liberdade, inspirada por seu humanismo (Vázquez, 1964, 6-8).

Na poesia chilena, Gabriela Mistral ocupa um lugar muito específico: no plano

social, esteve em contraposição a Vicente Huidobro (1893-1948), nascido na alta sociedade, e Pablo Neruda (1904-1973), nascido e criado entre os trabalhadores e a classe média mais simples, e no plano geográfico, distancia-se do espírito cosmopolita de Huidobro, nascido na capital, e do Sul de Neruda (Concha, 1987, 6). A obra de Gabriela Mistral insere-se em um contexto de superação do *modernismo* latino-americano, movimento literário cujo marco inicial costuma ser definido como a publicação de *Azul...* (1888), do poeta nicaraguense Rúben Darío (1867-1916) e que entra em decadência na década subsequente após a morte deste mesmo autor. Em seu primeiro momento, o *modernismo* latino-americano representou um processo de transformação natural e original dos modos de produção poética desta época, promovendo uma rebeldia criativa a partir da recuperação da literatura romântica e sua mescla com as novas correntes poéticas, *parnasianismo* e o *simbolismo*. (Onís. 1961, XIII-XIV)

Esta influência, entretanto, não se trata de mera cópia das formas literárias francesas, pois, em seu âmago, combina estes três movimentos literários (romantismo, simbolismo e parnasianismo) que na própria França desenrolaram-se como fases sucessivas e opostas uma a outra. O *modernismo* latino-americano, portanto, representa uma negação aos movimentos literários que o antecedem – a saber, o *realismo* e *naturalismo* – e como uma reação contra eles, sendo esta negação e reação que, em um primeiro momento, caracterizam e dão alguma unidade a este movimento. Muito embora alguns de seus elementos – o subjetivismo extremo, a ânsia por liberdade ilimitada, o propósito de inovar e revisar antigos valores – tornem complicada a tarefa de definir um estilo literário comum deste movimento, assim como a tentativa de seus autores de expressar sua individualidade diluem qualquer expectativa de algum resultado uniforme e duradouro (Onís, 1961, XIV-XV).

Este esforço de renovação poética da língua espanhola, e o avanço na direção de uma nova poesia é mérito dos poetas latino-americanos, em especial de Rúben Darío, cujas obras exerceram forte influência na poesia “metropolitana”, sendo

considerada a “primeira contribuição original” americana à literatura espanhola² (Onís, 1961, XVI). Os movimentos literários subsequentes, denominados de *vanguardias*, vão desenvolver uma relação de ambiguidade em relação ao *modernismo*: embora rejeitem, em muitos sentidos, os princípios estilísticos deste, as *vanguardias* vão manter o espírito cosmopolita dos modernistas, aprofundando o abandono das tradições nacionais, seguindo o programa dos modernistas de unificação de diferentes “vozes nacionais” de busca por uma estética comum à “poesia continental hispano-americana”.

Em 1933, Gabriela Mistral foi excluída da obra crítica “*Antología de poesia chilena nueva*” pelos autores Eduardo Anguita e Volodia Teitelboim, que classificaram seu trabalho como “totalmente reacionário e recheado de temas do século XIX” (Quiroga, 1996, 325). Em sua *Antología* (1961), Federico de Onís inclui apenas sete mulheres em um total de 141 autores citados. No volume 2 de *The Cambridge History of Latin America Literature*, dedicada ao século 20, das poetisas citadas por Onís, apenas Delmira Agustini tem um subcapítulo a ela dedicado, com as demais somando um total de dez citações em um total de 600 páginas. Estas exclusões e omissões ilustram os desafios enfrentados por Gabriela Mistral em um meio intelectual dominado por homens (Quiroga, 1996, 326).

Se o *modernismo* condenou à poesia a uma existência fragmentária e exilada nos “livros de poesia”, compilados e organizados por seus autores, ou, por editores, as *vanguardias* vão subverter esta estrutura, em um jogo com os críticos e historiadores: os novos poetas vão, a cada edição, construir um verdadeiro labirinto de alterações textuais, inclusões e exclusões³. Gabriela Mistral, embora

² “No quadro geral da literatura modernista espanhola, ao lado dos espanhóis que renovaram o teatro, o ensaio e o romance, Rúbén Darío deverá figurar sempre como o principal renovador da poesia” In Onís (1961), XVI

³ Quiroga (1996, 307) utiliza como exemplo destes “labirintos” criados pelos autores as seguintes obras: 1) *Libertad bajo palabra*, do poeta mexicano Octávio Paz, e suas cinco edições; e 2) *Luz ya Sueño*, do poeta cubano Cíntio Vitier, com suas duas edições. Gabriela Mistral segue o mesmo procedimento com *Ternura*: a primeira edição, de 1924 (editorial Saturnino Calleja, Santiago-Chile), contém quarenta e seis poemas, em um total de 105 páginas. A segunda edição, publicada em 1945 pela editora Espasa-Calpe de Buenos Aires, apresentou cinquenta poemas a mais, e modificações na organização, em alguns títulos e também, em determinados versos. organização, em alguns títulos e também, em determinados versos.

não tenha filiado sua obra à nenhuma escola e/ou manifesto, tem sido definida como *pós-modernista*, que na literatura latino-americana demarca um período de impasse entre o *modernismo* e as *vanguardas*, e em parte, pode-se dizer que a obra de Mistral assim foi definida por, além de pertencer a uma geração anterior aos primeiros vanguardistas, não situar sua obra nos parâmetros nem nos manifestos literários de sua época (Quiroga, 1996, 306-308).

Por sua riquíssima obra poética, Gabriela Mistral apresentou ao mundo a beleza, o caráter e a força cultural da América Latina, constituindo-se em leitura essencial para os interessados na literatura e poesia latino-americanas. A poesia de Gabriela Mistral não possui formas ornamentadas, nem virtuosismo linguístico: é a poesia de uma alma rústica, autêntica e conscientemente realizada. De acordo com Concha (1987, 6), a “afirmação do íntimo ‘Eu’ em sua poesia, afastada de tudo que lhe é exterior, torna-a profundamente humana, sendo esta a qualidade que confere à sua poesia valor universal”. A paixão constitui-se em elemento central da poesia de Gabriela Mistral, e a experiência do sofrimento saturou a alma ardente da poetisa, transformando tudo em um instintivo lirismo onde a experiência subjetiva é mais importante do que a forma e o ritmo (Vázquez, 1964, 21). Outros elementos da obra de Gabriela Mistral são a natureza, a exuberância e a beleza das paisagens latino-americanas, assim como sua preocupação quanto aos povos originários⁴.

Sua obra, entretanto, pouco foi traduzida ao português. A obra mais extensa consiste em *Poesias Escolhidas*, publicada em 1971 pela editora Opera Mundi, contendo traduções realizadas por Henriqueta Lisboa. Além desta obra, que foi reeditada pela editora Peirópolis em 2022, podem ser encontradas traduções em *Seleção em prosa e verso* (1979), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e em *Estrela da vida inteira: poesias reunidas* (1966), de Manuel Bandeira. A editora portuguesa Teorema publicou *Antologia Poética* em 2002, com poemas selecionados e traduzidos por Fernando Pinto do Amaral, professor do

⁴ Vázquez (1964, 21) observa que “Nenhum outro poeta, com exceção de Neruda em suas canções, falou com mais emoção sobre a beleza do mundo latino-americano e do esplendor de sua natureza”

Departamento de Literaturas Românicas da Universidade de Lisboa, e em 2019 e 2021 foram publicados pela editora Olhos de Vidro, *Balada da Estrela e outros poemas*, contendo traduções por Leo Cunha de poemas contidos em *Ternura; e A Mulher Forte e Outros Poemas*, publicado pela editora Pinard com novas traduções por Davis Diniz, sendo a primeira antologia publicada no Brasil desde as traduções de Henriqueta Lisboa.

Em matéria publicada pela *Folha de São Paulo* em 19 de março de 2011, quando da publicação de “En verso y Prosa”, antologia poética de Gabriela Mistral publicada pela editora Alfaguara (Madri), Laura Hosiasson, professora de Literatura Hispano-americana da Universidade de São Paulo (USP), nota que a premiação do Nobel a Gabriela Mistral, fez com que a crítica literária, sob a alegação de que existiam “poetas superiores” a ela, relegasse sua obra a um espaço menor, padecendo daquilo que definiu como o mal dos clássicos, que “todos conhecem mas ninguém lê”. Paulo Lannes – co-criador e editor da *Pinard* – afirmou, em participação no programa *Universo Literário* da *Rádio UFMG Educativa*, que é o preconceito sexista contra a produção literária feita por mulheres que foram colocadas de lado em premiações, *Nobel* incluso.

O Nobel de Literatura de 1945 e sua repercussão na imprensa brasileira e latino-americana

Gabriela Mistral foi laureada em 16 de novembro de 1945 com o *Prêmio Nobel de Literatura* “por sua poesia lírica que, inspirada por poderosas emoções, fez dela o símbolo das aspirações idealistas de todo o mundo latino-americano” (Frenz, 1969, 405). A repercussão foi imediata, tendo ela recebido nos dias seguintes uma enorme quantidade de telegramas de autoridades e intelectuais estrangeiros e brasileiros, e os principais jornais latino-americanos cobriram extensivamente tanto a premiação quanto a cerimônia de entrega do prêmio. No *Nobelfesten*, em 10 dezembro de 1945, Hjalmar Gullberg, em discurso de apresentação, define Gabriela Mistral como “a provinciana professora, a jovem colega de Selma Lagerlof que se tornaria a rainha espiritual da América Latina”. (Frenz, 1969, 406)

O discurso de recepção de Gabriela Mistral no *Nobelfesten* é marcado pela

simplicidade das palavras e por gratidão pela premiação recebida, e que “teria agradado ao espírito cosmopolita de Alfred Nobel estender o escopo de seu protetorado da civilização, incluindo em seu raio o hemisfério sul do continente americano” (Frenz, 1969, 408). Apresentando-se como uma filha da democracia chilena, e por um golpe de sorte, a voz dos poetas de seu país e indiretamente, da língua espanhola e portuguesa, elogia a tradição sueca de renovar-se perpetuamente, seu espírito científico, seus professores que viajavam o mundo apresentando suas escolas, e conclui agradecendo ao comitê pelo convite para participar “deste festival de vida nórdica, com sua tradição secular de folclore e poesia” (Frenz, 1969, 408).

A revista *Fon Fon: semanário alegre, político, crítico e espusiante*⁵, nº 49, dezembro de 1945, traz artigo de Hecilda Clark, que apresenta a premiação de Gabriela Mistral como uma conquista transacional, abrangendo, como um todo, a literatura latino-americana e a literatura brasileira:

“A alma chilena, neste momento, vibra entusiasticamente pela maior glória conquistada para a literatura nacional. Mas não só o Chile se engalana para celebrar o acontecimento literário: a honraria abrange o nosso continente concentrando no coração do Brasil.

(...)

Há vários anos Gabriela Mistral aquí armou sua tenda de trabalho, dando-nos o encanto indizível de sua presença amiga, convívio amistoso que mais nos permitiu cercá-la de afetuoso carinho, na admiração que nos desperta o seu polimorfo talento. Natural, pois, que essa consagração nos atinja em cheio como se o prêmio fôra concedido a qualquer dos nossos eminentes intelectuais patrícos.”

Deste mesmo artigo, merece atenção especial a profunda impressão que Gabriela Mistral deixou no círculo literário do Rio de Janeiro no período em que aqui residiu. No mesmo número, foi publicada uma breve nota apresentando a repercussão da premiação em jornais suecos:

⁵ A ‘Fon Fon’ foi uma revista ilustrada fundada por Jorge Schmidt que circulou entre 1907 e 1958. O nome criado por Emílio de Meneses é uma onomatopéia do som da buzina de automóveis, ilustrando a relação da revista com a modernidade. Dentre os principais temas abordados na estão os costumes e cotidiano cariocas, crônica social, sátira política e atualidades. A partir de 1930, a crítica e sátira política deram lugar à divulgação, centrada na figura da mulher, de modelos de comportamento, beleza, elegância e luxo, e por fim, alinhou-se política e ideologicamente ao Estado Novo. Fonte: Carolina Vianna Dantas, ‘Fon Fon’, In Abreu et al. (2010)

“Sten Selander para “Svenska Dagbladet”: “Não poderia ter sido escolhido um representante mais digno para a América Latina. Amor e crianças estão reunidos em sua poesia, duma maneira genuinamente latina, e, antes de tudo, feminina. Não é de admirar que tenha se tornado a maior poetisa das crianças.
(...)”

Helge Akerhielm para “Morgontidningen”, de Estocolmo: “É a quinta vez que o Prêmio Nobel de Literatura é dado a uma mulher, e pela primeira vez à jovem e florescente literatura latino-americana. Gabriela Mistral é uma das grandes poetisas de nossos tempos”

Embora este trecho analisado não esteja relacionado à premiação, creio ser importante mencionar a publicidade dada à publicação de *Dikter*, obra contendo traduções de poemas de Gabriela Mistral por Hjalmar Gullberg:

“No ano passado, houve na Suécia dois notáveis acontecimentos relacionados com a cultura hispânica. Um é a tradução para o suéco das principais poesias de Gabriela Mistral, que figura em uma antologia publicada pelo Dr. Hjalmar Gullberg, poeta lírico e membro da Academia Suéca, e o outro a estréia do drama popular “Bodas de Sangue”, do escritor espanhol Frederico Garcia Lorca. Suas poesias mais notáveis também foram traduzidas para o suéco pelo Dr. Gullberg, na referida antologia”

Trata-se de uma constatação da crescente relevância de Gabriela Mistral e da literatura latino-americana no círculo literário sueco, em que tradução de Hjalmar Gullberg auxiliou para que Gabriela se tornasse mais conhecida entre os membros da *Academia Sueca* e do comitê de seleção do *Nobel*. A *Revista da Semana (RJ)*⁶ também destaca a premiação no número 47, em novembro de 1945⁷:

“Assim, a autora de “Sonetos de la Muerte” reabilita o prêmio Nobel. Ela, que durante toda sua vida se dedicou exclusivamente à poesia, à arte e a educação, ela que sempre foi a mais pacifista de todas as diplomatas, ganha agora a sua parte na herança da dinamite. Essa entretanto não foi apenas uma vitória de Gabriela Mistral. Foi, acima de tudo, uma vitória da América do Sul. Sim, pois pela primeira vez na história o Prêmio Nobel atravessa o Equador para vir ao Novo Mundo. E não foi sem tempo. Era preciso que a uma figura de pacifista serena fôsse dado o prêmio, para que

⁶ A “Revista da Semana”, fundada por Álvaro de Tefé, circulou no Rio de Janeiro entre 1900 e 1959. Surgiu no contexto de modernização do Rio de Janeiro como um periódico de variedades, promovendo conteúdos de artes, cultura, literatura, crônica política, dentre outros. Teve em seus quadros os intelectuais Olavo Bilac, Menotti del Picchia, Pedro Lessa, e o ilustrador Raul Pederneiras. A revista, de perfil eclético, não se furtou à posicionar-se politicamente em seu tempo, sendo o apoio a Hermes da Fonseca nas eleições presidenciais de 1910 um bom exemplo. Fonte: Carolina Vianna Dantas, “Revista da Semana”, In Abreu et. al (2010)

⁷ “América Vitoriosa”, *Revista da Semana*, n° 47, Novembro de 1945, p. 6

em paz continuasse a alma de Nobel, o inventor arrependido da Dinamite”

Aqui podemos observar que, que em convergência com a matéria de Hecilda Clark para a *Fon-Fon*, a *Revista da Semana* apresenta ao leitor o Nobel de Gabriela Mistral como uma vitória para toda a América Latina de forma acrítica, sem quaisquer reflexões sobre a obra ou os méritos dela para a premiação. O *Jornal do Comércio* (*Jornal do Commercio*) do Rio de Janeiro, no dia 16 de novembro de 1945, assim descreve a premiação⁸:

“Informam os telegramas que o Prêmio Nobel de Literatura de 1945 foi concedido à poetisa e escritor chilena Gabriela Mistral, que vive agora no Brasil. É a consagração universal de uma glória latino-americana. Pela primeira vez, a maior e mais ambicionada laurea literária do mundo vem a caber a um nome sulamericano e recai sobre uma figura estranha de mulher, que um livro de exaltação qualificou de divina.

(...)

Toca-nos um pouco o calor desta glória, porque temos hoje a ventura de ver Gabriela Mistral integrada a vida brasileira e identificada com os nossos hábitos, com as nossas emoções, com a nossa paisagem. Simples e discreta, com seu sorriso cheio de doçura e seu olhar banhado de tristeza, procura ela viver despercebida, em luta com a evidência forçada pela glória de seu nome.”

Neste artigo, observo a mesma tendência das nas revistas anteriormente analisadas, tentando captar ou buscando aspectos coletivos dos méritos da premiação. Observo, também, um explícito sexismo em ao menos uma menção à autora: o trecho aqui destacado, “uma figura estranha de mulher” e “que um livro de exaltação a qualificou de divina” sugerem uma visão distorcida da autora: em 1945, a sua obra poética concentrava-se em três obras (a quarta, *Lagar*, seria publicado apenas em 1954), e não apenas em *Desolación* (1923), como mencionado. É verdade que nenhuma destas quatro obras foi traduzida na íntegra para o português, mas reduzir sua obra poética a apenas uma obra demonstra, em certo sentido, ignorância do autor não identificado. Ao menos, o artigo reconhece sua intensa atividade literária em jornais, revistas e em conferências.

⁸ “Gabriela Mistral. Premio Nobel de Literatura de 1945 – a vida e a obra da grande escritora que reside no Brasil”, *Jornal do Commercio*, 16 de novembro de 1945

O jornal *La Hora* (Santiago/Chile) de 16 de novembro de 1945 dedica a capa, um editorial e comentários de Claudio Aliaga Cobo, subsecretário de Relações Internacionais, Enrique Marshall, secretário-geral da Universidade do Chile, e da diplomata e escritora Amanda Labarca. Claudio Aliaga Cobo define a premiação de Gabriela Mistral como “(...) o toque de corneta, o grande despertar na campanha da América que clama para que tenhamos fé no reconhecimento de nossos legítimos valores intelectuais” e que se sente honrado que sua compatriota, humilde e despretensiosa, tenha conquistado a maior honraria literária que poderia aspirar um escritor por sua forte poesia, capaz de fazer vibrar em emoção até mesmo os espíritos mais endurecidos⁹. Enrique Marshall, ao enfatizar o caráter simbólico da premiação, observa que

“(...) a atribuição do “Prêmio Nobel” a Gabriela Mistral, a prescindir do significado pessoal para a ilustre poetisa, terá um alcance considerável para este grupo amorfo de povos que constituem a América Latina, entre os quais se confundem os chilenos quando vista de fora. Nossos povos têm atuado até agora no mundo, nos diversos aspectos da cultura, apenas como atores de segunda classe. Na opinião dos países do Velho Continente, somos imitadores e repetidores.” (tradução própria)

O reconhecimento de sua obra em prestigiosa premiação internacional, portanto, deveria implicar uma mudança de perspectiva dos povos americanos sobre si mesmos, no reconhecimento que a América Latina produz valores dignos de apreciação, e espera que esta premiação desperte maior interesse pela literatura latino-americana, livrando os povos latino-americanos, por fim, do seu complexo de inferioridade¹⁰. O comentário de Amanda Labarca destaca o sentimento de orgulho com a atribuição do prêmio a uma mulher chilena, que se constitui em “um dos nossos maiores valores literários, que desenvolveu nas letras hispânicas um trabalho vasto e da melhor qualidade”¹¹.

⁹ “Gabriela Mistral obtiene para las letras latinoamericanas el primer Premio Nobel”. *La Hora* (Santiago), 16 de novembro de 1945, nº 3791, p.1

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

A Revista *Numen* (Salto/Uruguai) dedica em sua edição de dezembro de 1945 um artigo¹² que, em termos de conteúdo, diferencia-se das matérias até então apresentadas, ao afirmar com veemência a justiça com a qual esta láurea premia

“(...) uma obra literária singularmente rica em virtudes, que enriquece o acervo cultural da humanidade: e isso se deve às reflexões que suscita ao consagrar uma nova faceta da individualidade americana – uma individualidade definida e poderosa – no cenário internacional.

(...)

Gabriela Mistral. Prêmio Nobel... Quase como que a dizer: América, força virgem, intocada, em pé de igualdade com as velhas pátrias cuja dor nos aflige como se fosse nossa. Um passo firme rumo à concórdia do destino mundial, que, inspirado pelos ideais americanos, deve ser de boa vontade, de trabalho esperançoso, de convivência elevada e harmoniosa.” (tradução própria)

Observe-se que os trechos mencionados se aproximam da visão de Enrique Marshall, ressaltando que novas perspectivas de visão e percepção do mundo sobre a América Latina se abrem em função desta premiação, destacando que foram as qualidades literárias da obra de Gabriela Mistral, que “são como um campo de trigo notável, cujas espigas se curvam sob o peso de sua admirável riqueza”.

O *Diário de Yucatán* (Mérida/México)¹³ traz em sua edição de 25 de novembro de 1945 um artigo do ensaísta e acadêmico cubano José Maria Chacón y Calvo, que destaca o ineditismo da premiação a Gabriela Mistral, que até 1945 havia premiado apenas três espanhóis, dois em Literatura e um em Medicina, e um argentino com o da Paz. Calvo observa que na década de 10 do século 20, houve intensa propaganda na Espanha em favor do historiador e crítico literário Marcelino Menéndez y Pelayo¹⁴ e do romancista Benito Pérez Galdós¹⁵, ambos falecidos antes de serem laureados. Calvo argumenta que a *Academia Sueca*, em última instância, concede o prêmio por um exame da obra do candidato, mas que também leva em conta o número e a significância dos propositores, e que a influência exercida por eles não pode ser subestimada, argumentando que

¹² “Gabriela Mistral, Premio Nobel”, *Numen* (Salto, Uruguai), dezembro de 1945, p. 13.

¹³ José Maria Chacón y Calvo, “Gabriela Mistral, Premio Nobel de 1945”, *Diario de Yucatán*, 25 de novembro de 1945.

¹⁴ “Marcelino Meléndez y Pelayo”. *Nobel Prize Nomination Archive*.

¹⁵ “Benito Pérez Galdós – Nomination Archive”. *Nobel Prize Nomination Archive*.

“A obra de Gabriela Mistral possui uma hierarquia continental. Ela já alcança uma dimensão histórica. A grande poeta surge num momento em que as essências e as formas do modernismo estão em crise. Sua obra já possui um tom diferente. Uma sinceridade cativante, uma profunda ternura, uma austeridade de sentimento — notas profundas da poesia de Gabriela Mistral. Não há embelezamento da forma, mas sim severidade e pureza formal. Austeridade de vida, austeridade da arte e, penetrando a palavra nua, a luz do sobrenatural.”

Aqui, o autor menciona explicitamente a importância da obra de Gabriela Mistral em um contexto de declínio e transformação das formas literárias modernistas, caracterizando a simplicidade formal e a densidade de seu conteúdo poético como razões pelas quais sua premiação é merecida.

2 A candidatura de Gabriela Mistral ao Nobel, c.1930-1945

A indicação vencedora de 1945 foi antecedida por outras sete indicações entre 1940 e 1944. Discussões sobre a proposição de uma candidatura de Gabriela Mistral ao *Nobel* iniciaram-se em fins dos anos 20, mas a iniciativa decisiva partiu da escritora equatoriana Adelaida Velasco Galdós e com o importante apoio de Pedro Aguirre Cerda, à época Presidente do Chile (Zetterberg 2015, 327). No Brasil, a Federação das Academias de Letras do Brasil¹⁶ e a Academia Carioca de Letras¹⁷, manifestaram-se, de forma unânime, em apoio à candidatura. Antes, porém, da análise das indicações e da apresentação da iniciativa de Adelina Galdós, convém discutir os critérios de análise dos indicados e da escolha da *Academia Sueca*, e controvérsias quanto à premiações e omissões.

Desde 1901, quando o prêmio de literatura foi entregue pela primeira vez, se acumulam dúvidas sobre os critérios adotados e quais seriam as linhas mestras e os princípios de valoração adotados pela *Academia Sueca* na escolha dos laureados. Joseph Epstein, em artigo publicado pelo *Wall Street Journal*¹⁸, observa que muitos dos laureados se encontram, hoje, esquecidos, e outros, como Sinclair Lewis (vencedor em 1930), Pearl S. Buck (vencedora em 1938) e John Steinbeck (vencedor

¹⁶ “Federação das Academias de Letras do Brasil”, *O Imparcial*, 2 de julho de 1940.

¹⁷ “Prêmio Nobel de Literatura: candidatura de Gabriela Mistral”, *Jornal do Brasil*, 24 de setembro de 1941.

¹⁸ Joseph Epstein, “The Nobel Prize for Political Literature”, *Wall Street Journal*, 14 de outubro de 2012

em 1960), nunca foram considerados grandes escritores de sua própria literatura. Epstein (2012) considera existirem outros critérios para além da “fina arte” e que, frequentemente, o comitê do *Nobel* leva em consideração aspectos políticos:

“Durante um tempo, o prêmio foi concedido a dissidentes soviéticos: Pasternak, Alexander Solzhenitsyn e Joseph Brodsky. Nos últimos anos, o prêmio tem sido entregue a escritores de tendência marxista, especialmente aqueles com ressentimento contra os EUA, entre eles Günter Grass, Dario Fo e José Saramago.”

Epstein (2012) conclui seu artigo ironizando a premiação, ao mencionar que o mundo literário, certamente, não seria pior sem a premiação, uma vez que o atual prêmio não define um parâmetro verdadeiro para a literatura, nem aumenta o prestígio desta. Outro crítico do Prêmio, Jeffrey Meyers (2007), também observa que ao apontar que os maiores escritores do século 20 foram ignorados, alguns ainda vivos quando se iniciou a premiação.

Aspectos políticos, como observa Meyers (2007, 219), frequentemente influenciaram as escolhas do comitê: Y. B. Yeats foi premiado dois anos após a independência da Irlanda (1921). Frans Eemil Sillanpää, o único finlandês laureado, recebeu sua premiação em 1939, no mesmo ano em que seu país foi vítima de uma tentativa de invasão soviética, assim como o dinamarquês Johannes Jensen recebeu sua premiação em 1943 enquanto seu país encontrava-se sob ocupação alemã.

Ausências, omissões e polêmicas estão presentes desde as primeiras premiações, que, associadas a uma restrição de cinquenta anos para o acesso à documentação do processo de recepção das indicações e das escolhas do comitê, dificultam o acesso aos dossiês de indicação e análise dos candidatos propostos ao prêmio naquele ano. Espmark (2012, 14-15) observa que as decisões apresentam características ideológicas e estéticas que justificam tanto as escolhas quanto as rejeições e omissões. Cada época tem suas próprias características e a crítica não pode ser generalista, considerando as mudanças na composição da Academia e as transformações ideológicas dela derivadas.

Meyers (2017, 216) observa que, em sua primeira fase, sob o comando de Carl

Wirsén, o comitê do *Nobel* premiou membros do *establishment* literário das academias nacionais como Henri Bergson, José Echegaray e Erik Axel Karlfeldt, ou professores universitários como Theodore Mommsen, Giosuè Carducci e Rudolf Eucken. O pós-guerra, por significativa influência de Anders Österling, marca o início de uma fase do comitê dedicada a premiar autores pioneiros em seus estilos e obras corajosas e inovadoras (Espmark, 2012, 133). Mesmo após uma série de premiações a norte-americanos e latino-americanos, este panorama pouco mudou, visto que este continuou a ignorar a literatura asiática até 1968 com a premiação de Yasunari Kawabata, a literatura africana até 1986 com a premiação de Wole Soyinka, e a literatura árabe permanece ignorada, tendo apenas Naguib Mahfouz (1988) como vencedor. (Espmark, 2012, 197-198).

A premiação de Gabriela Mistral, entretanto, não faz parte desta nova fase, pois, de acordo com o autor, desde 1940 se intensificaram indicações de toda a América Latina em seu favor, e que poderia até ter vencido antes, não fosse a suspensão governamental para todas as premiações neste mesmo ano. A importância da premiação de Gabriela Mistral se revela, sobretudo, pelo rompimento do domínio de europeus e americanos sobre o prêmio desde 1913, quando da premiação de Rabindranath Tagore (Espmark, 2012, cap. 5, 3). Uma leitura atenta da lista dos vencedores do *Nobel* desde 1901 torna difícil discordar do argumento crítico à premiação, para quem ela representa apenas os valores literários do núcleo da esfera cultural ocidental.

As indicações de Gabriela Mistral ao Nobel, 1940-1945

As duas primeiras indicações para o ano de 1940 foram feitas, a primeira pelo historiador chileno Luís Galdamés e pelo filósofo Yolando Piño Saavedra, decano e secretário da Faculdade de Filosofia e Educação da *Universidade do Chile*, e a segunda, a indicação partiu de Knut Hjalmar Leonard Hammarskjöld, ex-primeiro ministro da Suécia e presidente da *Fundação Nobel* entre 1929-1947, indicação esta que se repetiria em 1941, 1942, 1943 e 1944; em 1942, a segunda indicação partiu de Afonso Costa, da *Academia Carioca de Letras*. Para 1945, a indicação vencedora foi a da poetisa sueca Elin Wägner.

Em correspondência ao diretor da *Academia Sueca*, sr. Per Hallström, em 14 de novembro de 1939, Galdamés e Saavedra esclarecem que a iniciativa de indicar Gabriela Mistral ao *Nobel* encontrou unanimidade entre os membros da Faculdade e que ela adquiriu, pela difusão de sua obra poética e por sua intensa atividade literária e profissional, visibilidade e credibilidade que nenhum outro poeta conseguiu superar, nem no Chile e nem em qualquer outro país latino-americano (Galdamés e Saavedra, 1939, apud Agosin e Garafulich-Grabois, 2015, 105).

Galdamés e Saavedra ressaltam que a influência exercida por Gabriela Mistral no meio literário latino americano deve-se ao conteúdo humano de “vastas projeções, no sentido de solucionar os problemas mais complexos que afetam as classes trabalhadoras”, e que sua obra transcende a literatura ao defender os mais valiosos interesses coletivos, e que, neste sentido, a sua obra abarca todo o continente. Esta indicação não aborda, de forma direta, as principais características da obra poética e literária de Gabriela Mistral nem retira de sua obra os elementos que justificariam a premiação ao *Nobel*. (Galdamés e Saavedra, 1939, apud Agosin e Garafulich-Grabois, 2015, 105).

A segunda indicação a ser analisada parte de Afonso Costa, membro fundador da *Academia Carioca de Letras (ACL)*, primeiro titular da cadeira nº 15, e à época, seu presidente. Em carta enviada ao senhor Gustaf Weidl, embaixador da Suécia no Brasil, Costa destaca que esta carta representa a adesão da *Academia Carioca* à campanha internacional pela premiação de Gabriela Mistral ao prêmio *Nobel*. Afonso Costa observa que ela é, de forma unânime, considerada um dos expoentes da cultura latino-americana, e que sua obra é considerada “nos demais países de língua espanhola, expressão mais alta e autêntica da poesia contemporânea”, e que a forma artística de sua obra, associada à sua erudição, beleza, valor moral e humano, a equiparam aos “espíritos mais ilustres de nosso tempo” (Costa, 1941, apud Agosin e Garafulich Grabois, 2015, 109).

Outros méritos apontados por Costa consistem em: 1) seu papel de incentivadora da aproximação dos povos de língua espanhola e portuguesa; 2) de sua

preocupação relativa as questões relevantes ao bem-estar das mulheres; 3) de sua atividade educacional e sua preocupação quanto aos problemas da educação infantil, e também seu preparo técnico e seus conhecimentos pedagógicos; e 4) sua conduta pacifista e generosa, dedicando o produto de seu trabalho à educação e sua atividade diplomática à aproximação dos povos. A observação de Costa sobre a atuação de Mistral quanto às questões relativas às mulheres vão de encontro à forte percepção de que ela se tornou uma porta-voz das mulheres latino-americanas de seu tempo (Costa, 1941, apud Agosin e Garafulich Grabois, 2015, 110).

As indicações de Knut Hammarskjöld foram feitas por meio de manuscritos, sem quaisquer discussões sobre aspectos relevantes da obra e/ou da trajetória intelectual da autora, assim como a indicação vencedora de Elin Wägner, de 28 de janeiro de 1945. Para o ano de 1945, a comissão interna da Academia, composta por cinco membros – Knut Hammarskjöld, Anders Österling, Sigfried Siwertz, Fredrik Böök e Per Hallström – reuniu-se em duas ocasiões para a definição do laureado: na primeira reunião, em 31 de maio de 1945, Hammarskjöld foi o único a apresentar Gabriela Mistral como sua primeira opção, e na segunda, em 6 de setembro de 1945, três dos cinco membros – Hammarskjöld, Österling e Siwertz – votaram a favor de Mistral, enquanto Böök e Hallström votaram por uma premiação póstuma a Paul Valéry¹⁹

A iniciativa de Adelina Velasco Galdós e sua transformação em campanha internacional pela premiação de Gabriela Mistral, 1938-1945

O primeiro impulso para a indicação de Gabriela Mistral se deu ao final da década de 20 por iniciativa de A. Shommey, ministro a cargo da missão diplomática chilena em Estocolmo, comunicada ao diretor do Instituto Nobel, sr. Karl A. Hagberg. Entretanto, a proposta encontrou resistência do governo de Carlos Ibáñez del Campo (1927-1931), por razões políticas. Posteriormente, o escritor e

¹⁹ Paul Valéry foi um importante poeta e escritor francês, indicado treze vezes em vinte e sete indicações coletivas ao prêmio – sendo as últimas três de Fredrik Böök, Anders Österling e Sigfried Siwertz – e considerado favorito para o prêmio neste ano, entretanto, faleceu em agosto de 1945. In Zetterberg (2015, 361) e “Paul Valéry – Nomination Archive”. *Nobel Prize Nomination Archive*. <https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=9496>

historiador Virgilio Figueroa, autor da primeira biografia de Gabriela Mistral, *La Divina Gabriela* (1933), retoma à ideia de que Gabriela deveria ser premiada com *Nobel*, mas, assim como seu livro, teve pouca ou nenhuma repercussão²⁰.

A iniciativa definitiva começa em 1938 quando Gonzalo Zaldumbide, importante diplomata e crítico literário equatoriano, convida Gabriela Mistral para uma visita de oito dias ao Equador. Ela chegou a Guayaquil em 19 de agosto de 1938 e foi recebida por Adelaida Velasco Galdós, com quem desenvolveu grande amizade e a viagem, com duração inicial de oito dias, durou quarenta dias: em sua estadia no Equador realizou palestras, aulas públicas com a leitura de suas poesias, deu entrevistas e escreveu comentários para a imprensa local sobre obras de autores locais, e foi recebida com entusiasmo por autoridades locais, escritores, intelectuais, e que diversas instituições culturais e órgãos governamentais enviaram-lhe saudações por sua visita ao Equador (Lara 2023, 2).

A partir de 1939, Adelaida Velasco Galdós se empenhou para promover a candidatura de Gabriela Mistral ao *Nobel*, primeiro obtendo o apoio de Gonzalo Escudero e Jaime Barreira, colegas de Adelaida no *Grupo America*, importante grupo interdisciplinar de intelectuais equatorianos²¹, e de Pedro Aguirre Cerda, importante político chileno do Partido Radical que acabara de ser eleito presidente em 1938, para quem enviou uma correspondência e recebeu resposta afirmativa. Em correspondência à Doris Dana, de 4 de dezembro de 1956²², Adelaida Galdós recorda o início de sua amizade com Gabriela Mistral:

“Quando ela veio ao Equador, há 17 anos, foi convidada pelo meu governo; mas, embora fosse uma convidada oficial, ela praticamente morava na minha casa e estávamos juntas todos os dias. Durante todos esses anos, sempre trocamos cartas, e Emelina, a irmã mais velha da Gabriela, pediu que eu escrevesse uma carta sincera antes de falecer, pedindo-me que sempre cuidasse dela.” (trad. própria)

Nesta mesma correspondência, Adelaida Galdós reconhece a importância de Pedro

²⁰ Francisca San Martín, “Universidad de Chile releva el camino que llevó a Gabriela Mistral al Premio Nobel de Literatura”.

²¹ Gustavo Salazar Calle, “Gabriela Mistral y el Ecuador”, *Academia Ecuatoriana de la Lengua*, 9 de julho de 2024.

²² Adelaida Velasco Galdós para Doris Dana, 4 de dezembro de 1956

Aguirre Cerda:

“Fiz tudo o que pude, moral e materialmente, até que seu Prêmio Nobel se tornasse realidade, e sempre tive a boa vontade do Presidente do Chile, Sr. Aguirre Cerda, e durante esse tempo, mantivemos correspondência frequente com o Presidente, pois ele era muito bom, patriota e democrata.” (tradução própria)

A amizade de Pedro Aguirre Cerda e sua esposa Juana Rosa Aguirre com Gabriela Mistral é conhecida: a primeira edição de *Desolación* (1922) é dedicada ao casal, e em 1977, sob a direção de Roque Esteban Scarpa, foi publicado pela Biblioteca Nacional do Chile um epistolário de Gabriela Mistral e Pedro Aguirre Cerda²³. Em correspondência enviada a Adelaida Galdós, em 10 de setembro de 1939²⁴, Pedro Aguirre Cerda felicita a iniciativa, afirmando que

“(...) a obtenção do Prêmio Nobel de Literatura para Gabriela Mistral não apenas coroaria sua gloriosa carreira artística, mas também dignificaria todas as mulheres latino-americanas. Tendo contribuído, ainda que modestamente, para sua divulgação e para o reconhecimento de sua condição de compatriota, sinto-me particularmente honrado em defender a distinção do Prêmio Nobel, à qual você se refere em sua gentil carta (...)”(tradução própria)

Na mesma carta²⁵, define o *Prêmio Nobel de Literatura* como a maior honraria que se possa aspirar na literatura contemporânea, e informa a Adelaida Galdós que, por esta razão, transcreveu e encaminhou

“enfaticamente sua importante carta aos Ministros da Educação, Sr. Rudecindo Ortega, e das Relações Exteriores, Sr. Abraham Ortega, para que estudem o mais breve possível como tornar sua auspiciosa iniciativa uma realidade.” (tradução própria)

A iniciativa de Adelaida Velasco Galdós estava se transformando em uma campanha internacional, com ativa colaboração do Ministério das Relações Exteriores do Chile. Gabriel González Videla, embaixador do Chile em Paris neste período, revela que Pedro Aguirre Cerda instruiu o serviço diplomático chileno nas Américas e na Europa a compilar e traduzir a vários idiomas a obra poética de Gabriela Mistral, e que, privadamente, lhe enviou uma carta encarregando-o dos

²³ “Estrecha amistad entre Pedro Aguirre Cerda y Gabriela Mistral”. *Memoria Chilena*. Acesso em 27.12.2025. <<https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-94057.html>>

²⁴ Pedro Aguirre Cerda para Adelaida Velasco Galdós, 10 de setembro de 1939.

²⁵ Ibid.

trâmites junto à *Academia Sueca* e, ao mesmo tempo, que elegeesse o mais famoso poeta/escritor francês para a redação de um prólogo para a tradução francesa de sua obra (Videla, 1989, 164).

Em ofício enviado a Carlos Ovalle Errázuriz²⁶, encarregado de negócios da embaixada do Chile em Estocolmo, Juan Mujica de la Fuente, diretor da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores em Santiago, o comunica sobre o envio da carta oficial de indicação de Gabriela Mistral ao *Nobel*, e

“visto que o Ministro confiou este assunto às minhas humildes mãos, *aceitei-o com o entusiasmo que merece: pelo elevado valor intelectual que nossa amiga representa e pelo prazer de contribuir, ainda que minimamente, para o triunfo de alguém muito querido. Tenho certeza de que fará todo o possível para alcançar este objetivo tão desejado. Portanto, tomo a liberdade de recomendar que me indique por telegrama quaisquer medidas que julgue necessárias para prosseguir.*” (tradução própria)

Neste ofício, informa a Errázuriz não ter conseguido encontrar um exemplar de *Ternura* e que será enviada, por avião, uma nota biográfica de Gabriela Mistral escrita em francês por Magdalena Petit. Em ofício de 6 de dezembro de 1939, Juan Mujica comunica a Gabriela Mistral a decisão do ministro Abraham Ortega de nomeá-lo responsável pela tarefa de “reunir as informações necessárias para solicitar esta distinção em seu nome, o que seria uma grande honra para todo o Chile e para toda a América.”, e a entrega por Luís Galdamés, por via aérea, de sua carta de indicação diretamente à *Academia Sueca*²⁷.

Informa, também, que Gabriel González Videla enviou um telegrama solicitando o apoio do presidente e do diretor do *Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI)*²⁸ da Liga das Nações para sua candidatura, não sabendo quais foram os resultados desta consulta. e solicita que

²⁶ Juan Mujica de la Fuente para Carlos Errázuriz, *Legación de Chile, Santiago*: 22 de Novembro de 1939.

²⁷ Juan Mujica de la Fuente, *Ministério de Relaciones Exteriores, Santiago (Chile)* ofício 7329: 6 de dezembro de 1939.

²⁸ O Instituto, fundado em 1924 e considerado o antecessor da UNESCO, O *Instituto (IICI)* era a agência executiva do *Comitê Internacional de Cooperação Intelectual (ICIC)* da Liga das Nações. In UNESCO. “The International Institut of Intellectual Cooperation (IICI)”. <<https://unesco.libguides.com/IICI>>

“envie diretamente a Errázuriz suas obras: Ternura, e o livro de leituras publicado no México, material que tem sido impossível de adquirir aqui até o momento, embora eu tenha me oferecido para pagar o que for pedido por esses livros. Aparentemente, as poucas pessoas que os possuem não querem se desfazer deles por dinheiro nenhum. Junto com a apresentação feita pelo já mencionado Decano, Sr. Luis Galdamés (a quem você poderia expressar diretamente sua gratidão por essa ajuda, se achar apropriado), envie para Estocolmo Desolación, Tala e La divina Gabriela.”

Em ofício enviado à Gabriela Mistral em 14 de dezembro de 1939²⁹, Carlos Errázuriz reafirma o compromisso e o empenho da diplomacia chilena em viabilizar sua premiação e ver reconhecidos seus valiosos méritos. Para tanto, solicita o envio de material para distribuir aos membros da *Academia Sueca* e reafirma solicitação pelas obras que faltam:

“Estou procedendo com o máximo cuidado para evitar quaisquer erros e garantir o seu sucesso da melhor forma possível. Consulto a cada passo figuras influentes da Suécia, que possuem amplo conhecimento nesses assuntos. Será a maior honra da minha vida ter sucesso nesta ocasião.”

Conclusões

A primeira seção deste artigo buscou examinar a vida e da obra de Gabriela Mistral evidenciando uma trajetória singular, marcada por uma origem humilde, pela forte presença feminina em sua formação e pela centralidade da educação em sua formação; e apresenta sua ampla atuação no exterior como cônsul do governo chileno e como escritora e conferencista. A primeira parte apresentou, ainda, a premiação de 1945, discutindo as justificativas da *Academia Sueca* para a premiação e os discursos de Hjalmar Gullberg e Gabriela Mistral no *Nobelfesten* em 10 de dezembro de 1945.

Sua obra poética, desenvolvida em diálogo e estranhamento com os movimentos literários de seu tempo, caracteriza-se pela simplicidade formal, pela densidade emocional e pelo diálogo com as dimensões humanas universais, como a dor, a maternidade, a infância e a relação com a natureza. Ao examinar as tendências literárias chilenas e latino-americanas da primeira metade do século 20, mostro

²⁹ Carlos Ovalle Errázuriz para Gabriela Mistral, *Ministério de Relaciones Exteriores*, Santiago (Chile), 14 de dezembro de 1939.

que a obra de Gabriela Mistral inseriu-se no contexto de superação do *modernismo* latino-americano, que adquiriu reconhecimento internacional anterior à premiação ao *Nobel*, e que sua atuação como educadora, diplomata e escritora contribuiu para a difusão de sua obra e consolidação de sua imagem.

A análise da repercussão na imprensa brasileira e latino-americana revelou que a premiação foi celebrada como uma vitória continental do ponto de vista simbólico, e que o discurso de Gabriela Mistral reforçou essa dimensão ao se definir uma representante dos autores de língua espanhola e português e a premiação como expressão das aspirações culturais de povos historicamente marginalizados no cenário internacional. A segunda seção concentrou-se na análise do processo de candidatura de Gabriela Mistral ao *Prêmio Nobel de Literatura*, abordando tanto os critérios gerais de escolha adotados pela *Academia Sueca* quanto as especificidades do processo de indicação de Gabriela Mistral.

Uma revisão da bibliografia especializada constatou que o comitê de escolha do *Prêmio Nobel*, desde sua criação, esteve sujeito a influências alheias ao valor literário das obras dos laureados, e que são numerosas as controvérsias, em especial, com relação à premiações e omissões. Este artigo apresentou que no pós-guerra, sob a liderança de Anders Österling, houve uma mudança nos critérios do comitê do *Nobel*, que passaria a premiar obras e autores pioneiros. Kjell Espmark, entretanto, exclui Gabriela Mistral deste paradigma em função da particularidade envolvendo sua candidatura, que poderia ter sido laureada em 1940 não fosse a suspensão, e ressalta que a importância da premiação de Gabriela Mistral consiste na importante inflexão para a abertura do prêmio às literaturas de fora do eixo europeu e norte-americano.

A análise do processo de indicação de Gabriela Mistral ao prêmio Nobel ilustra a atuação de diferentes personagens em favor de sua premiação. Ao analisar o arquivo digital de indicações ao *Nobel*, observamos que ela foi indicada sete vezes ao prêmio: a indicação pioneira de Luís Galdamés e Yolando Saavedra para 1940 foi acompanhada por outras quatro indicações de Knut Hammarskjöld, pela

indicação de Afonso Costa para 1945 e pela indicação vencedora de Elin Wägner. Destas analisamos apenas os textos de Galdamés e Saavedra e de Afonso Costa, observando que ambos ressaltam a importância e a projeção internacional de sua obra poética e sua atividade literária e profissional como argumentos centrais de suas indicações. Por fim, apresenta a importância das traduções ao sueco de Hjalmar Gullberg e da atuação de Hammarskjöld enquanto membro do comitê de seleção do *Nobel* naquele ano, sendo o único a indicá-la como primeira opção na reunião de 31 de maio de 1945, e um dos três votantes que a premiou na reunião de 6 de setembro do mesmo ano.

Outra contribuição deste artigo consistiu em demonstrar, por meio da análise de ofícios diplomáticos e correspondências disponíveis na *Biblioteca Nacional Digital do Chile*, que a mobilização articulada e persistente por toda a América Latina em favor da premiação de Gabriela Mistral se deu a partir de 1938 por iniciativa da importante escritora equatoriana Adelaida Velasco Galdós, e que com apoio de Pedro Aguirre Cerda e do governo chileno a partir de 1939 a iniciativa se transformou em campanha internacional, associada à diplomacia chilena, intelectuais e academias de letras latino-americanas.

Referências Bibliográficas

I Fontes Primárias

Adelaida Velasco Galdós para Doris Dana, 4 de dezembro de 1956. *Archivo del Escritor: Gabriela Mistral*.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-152598.html>>

“América Vitoriosa”, *Revista da Semana*, nº 47, Novembro de 1945, p. 6.
<<https://tinyurl.com/3j5uakvm>>

“Benito Pérez Galdós – Nomination Archive”. *Nobel Prize Nomination Archive*.
<https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=7114>

Carlos Ovalle Errázuriz para Gabriela Mistral, *Ministério de Relaciones Exteriores*, Santiago (Chile), 14 de dezembro de 1939. *Archivo del escritor: Gabriela Mistral*
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-148220.html>>

“Federação das Academias de letras do Brasil”, *O Imparcial*, 2 de julho de 1940.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147898.html>>

“Gabriela Mistral. Premio Nobel de Literatura de 1945 – a vida e a obra da grande escritora que reside no Brasil”, *Jornal do Commercio*, 16 de novembro de 1945.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:148913>>

“Gabriela Mistral obtiene para las letras latinoamericanas el primer Premio Nobel”. *La Hora* (Santiago), 16 de novembro de 1945, nº 3791, p.1.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-148887.html>>

“Gabriela Mistral, Premio Nobel”, *Numen* (Salto, Uruguai), dezembro de 1945, p. 13.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-149315.html>>

Hecilda Clark, “Gabriela Mistral e o premio Nobel”, *Fon Fon: semanário alegre, político, crítico e espusiente*, nº 49, Dezembro de 1945, 3.
<<https://tinyurl.com/svuh5sra>>

José Maria Chacón y Calvo, “Gabriela Mistral, Premio Nobel de 1945”, *Diario de Yucatán*, 25 de novembro de 1945.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-149242.html>>

Juan Mujica de la Fuente para Gabriela Mistral, ofício 7329, *Ministério de Relaciones Exteriores*: Santiago (Chile), 6 de dezembro de 1939. *Archivo del escritor: Gabriela Mistral* <<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-148220.html>>

Juan Mujica de la Fuente para Carlos Errázuriz. *Legación de Chile*, Santiago: 22 de Novembro de 1939. *Archivo del escritor: Gabriela Mistral*
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-624021.html>>

“Marcelino Meléndez y Pelayo – Nomination Archive”. *Nobel Prize Nomination Archive*.
<https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=6179>

“Paul Valéry – Nomination Archive”. *Nobel Prize Nomination Archive*.
<https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=9496>

Pedro Aguirre Cerda para Adelaida Velasco Galdós, 10 de setembro de 1939. *Archivo del escritor: Gabriela Mistral*.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/colecciones/BND/00/AE/AE0006340.pdf>>

“Prêmio Nobel de Literatura: candidatura de Gabriela Mistral”, *Jornal do Brasil*, 24 de setembro de 1941.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147983.html>>

UNESCO. “The International Institut of Intellectual Cooperation (IICI)”. n.d.
<<https://unesco.libguides.com/IICI>>

II Bibliografía Secundária

Afonso Costa. “Carta de Indicação de Gabriela Mistral ao Nobel pela Academia Carioca de Letras” *In* Agosín e Garafulich-Grabois (2015)

Alzira Alves de Abreu et al. (coords.), *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930* (Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2010)

“Antologia poética da chilena Gabriela Mistral é tema do Universo Literário”, *Notícias UFMG*, 17 de junho de 2021.
<<https://tinyurl.com/2ftt6z2m>>

Claude Lara, “El Ecuador al origen del Premio Nobel de Gabriela Mistral (1945-2025)”, 2023.
<<https://sl1nk.com/YdXqG>>

Eva Zetterberg. “Gabriela Mistral y Suecia” *In* Agosín e Garafulich-Grabois (2015)

Federico de Onís. *Antología de la poesia española e hispanoamericana, 1882-1932*. (Nova Iorque: Las Americas Publishing Co., 1961).
<<https://archive.org/details/antologiadelpoe0000fede/>>

Francisca San Martín, “Universidad de Chile releva el camino que llevó a Gabriela Mistral al Premio Nobel de Literatura”. <<https://tinyurl.com/mtumfhuu>>

Gabriel González Videla. “Premio Nobel para Gabriela Mistral”. *Atenea*, nº 459-460, 163-177.
<<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-article-183260.html>>

Gustavo Salazar Calle, “Gabriela Mistral y el Ecuador”, *Academia Ecuatoriana de la Lengua*, 9 de julho de 2024.
<<https://tinyurl.com/4nz9p2t5>>

Horst Frenz. *Nobel Lectures. Literature, 1901-1967* (Amsterdam: Elsevier, 1969).
<https://archive.org/details/literature190119fren_1967/>

Jaime Concha. *Gabriela Mistral*. Colección Los Poetas (Madri: Ediciones Júcar, 1987).
<<https://archive.org/details/gabrielamistral0000conc>>

Jeffrey Meyers. “The Literary Politics of the Nobel Prize”. *The Antioch Review*, 65 (2), Spring 2007), 214-223. <<http://www.jstor.org/stable/40284378>>

José Quiroga. "Spanish American poetry from 1922 to 1975". In Echeverría e Pupo Walker (1996)

Joseph Epstein, "The Nobel Prize for Political Literature", *Wall Street Journal (WSJ)* (WSJ), 14 de outubro de 2012. <<https://tinyurl.com/nax7cauu>>

Kjell Espmark. *El premio Nobel de Literatura. Cien años con la misión*. trad. por Marina Torres. Madri: Nórdica Libros, 2012.

Langston Hughes. "Introduction". In Samuel Yellen (ed.) (1957)

Laura Janina Hosiasson. "Coletânea recupera desafios da obra de Gabriela Mistral". *Folha de São Paulo*, 19 de março de 2011. <<https://tinyurl.com/53yd2nsp>>

Luís Galdames e Yolando Pino Saavedra. " Carta de Nominación de la Facultad de Filosofía y Educación de la Universidad de Chile". In: Agosín e Garafulich-Grabois (2015)

Margot Arce de Vázquez. *Gabriela Mistral: the Poet and her work* (Nova Iorque; New York University Press, 1964). <<https://archive.org/details/gabrielamistralp00arce>>


Marjorie Agosín e Gloria Garafulich-Grabois (eds.). *De Chile al Mundo: 70 años del Premio Nobel de Gabriela Mistral* (Nova Iorque: Gabriela Mistral Foundation Inc).

Roberto González Echeverría e Enrique Pupo-Walker (eds.). *The Cambridge History of Latin American Literature*, v.2: The Twentieth Century (Cambridge, ING: Cambridge University Press, 1996)

Samuel Yellen (ed.). *Selected Poems of Gabriela Mistral*. trad. por Langston Hughes. Indiana University Poetry Series (Bloomington: Indiana University Press, 1957). <<https://archive.org/details/selectedpoemsofg0000lang>>

Declaração de Autenticidade

Eu, Lucas Rafael Ribeiro Camacho, portador da matrícula 202 050 900, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “*Gabriela Mistral e o Prêmio Nobel de Literatura de 1945*” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Documento assinado digitalmente
 LUCAS RAFAEL RIBEIRO CAMACHO
Data: 08/02/2026 14:34:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Lucas Rafael Ribeiro Camacho